

# VOGGA

## SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS  
DA ILUSTRAÇÃO  
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg.: LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

DIRECTORA  
ESTELA SANTOS NOBRE

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.\*  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta  
TELEF. C. 1084, C. 1606



UMA ESTRELA DO CINEMA: CARMEN SANTOS, DE ORIGEM PORTUGUESA E PRINCIPAL FIGURA DA «FILM ARTÍSTICO BRASILEIRO» (Foto F. B. A.)  
ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E FOLHA DE MOLDES

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Ayuntamiento de Madrid



# VIDA ELEGANTE

**RÉVEILLONS — No Monte Estoril** — A entrada do ano foi brilhantemente festejada no Monte Estoril, tanto no Grande Hotel de Itália como no Casino Internacional, onde se realizaram os anunciados «réveillons», tendo o do Grande Hotel de Itália excedido toda a nossa

**NOVO TITULAR.** — Ao sr. D. António de Castelo Branco, filho do sr. Marquês de Belas, foi concedido pelo sr. D. Manuel de Bragança, o título de Conde de Pombeiro, pertencente aos antepassados. Este título é um dos mais antigos da aristocracia portuguesa.



Um aspecto do magnífico Réveillon da noite do fim do ano, no Grande Casino Internacional do Monte Estoril

expectativa, não só pela extraordinária e selecta concorrência, como também pela animação com que sempre decorreu.

O aspecto das vastas salas do Itália, que se encontravam artisticamente iluminadas com pequenas lâmpadas azuis e pequenos candieiros cobertos de «abat-jours» cor de laranja sobre as mesas, era verdadeiramente feérico, funcionando também, enquanto se dançava, um esplêndido foco com variações de cores, que produzia sobre as «toilettes» das senhoras efeitos maravilhosos, dando-nos a ilusão de estarmos assistindo a um conto das «Mil e uma noites».

Durante o decorrer da ceia, dançou-se com verdadeira animação, ao som da exímia orquestra «jazz-band» sob a direcção do brilhante artista De Pino, dança que se prolongou até perto das seis horas da madrugada, sempre num crescente de animação, chegando por vezes a atingir o delírio.

Foram também lançadas, de mesa para mesa, grande número de serpentinas, que por vezes chegaram a formar um verdadeiro tunel.

Do anunciado concurso de «toilettes» saíram vencedoras as sr.<sup>as</sup> D. Alexandrina Moreira de Magalhães, de «perlé» de prata, sobre fundo de setim preto, bordado em «canteleers» verde esmeralda, com «piquet» rosa em veludo; e D. Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes, de «perlé» prateada, bordada a lhamas de prata, sobre fundo de «lamé» «fichou», e «écharpe» em gaze branca, com «piquet» de violetas; respectivamente primeiro e segundo prémios, uma artística boneca em «biscuits» e uma lindíssima caixa de pó de arroz, em louça, que lhe foram conferidos por um júri composto dos srs. Aires de Mascarenhas Valdez de Faria, Carlos da Mota Marques e Carlos de Vasconcelos e Sá.

Também o do Grande Casino Internacional esteve muito animado, vendo-se aí reunido grande número de famílias da nossa sociedade elegante, dançando-se quasi sem interrupção ao som de duas belas orquestras «jazz-band», sendo uma a dos negros de Chicago, tendo-se também exibido, durante o decorrer da ceia, os números de variedades: «Olga», a brilhante dançarina latino-americana, e a notável «pareja» de baile «Doly and Lys», que deixaram na selecta assistência a mais bela impressão.

O salão de festas do Grande Casino Internacional encontrava-se vistosamente engalanado, com renques de luzes, que produziam um encantador aspecto, fazendo realçar as vistosas «toilettes» das senhoras.

Como acima dizemos, a passagem do ano Novo, no Monte Estoril, foi brilhantemente festejada, ficando para sempre gravada em todos que a ela assistiram.

**Em Lisboa.** — Na capital realizaram-se «réveillons» na «Garrett» e no «Avenida Palace», que foram concorridíssimos, tendo o primeiro excedido pela selecta concorrência e animação, animação que se prolongou até de madrugada, sendo abrilhantado por um exímio quarteto «jazz-band», que executou durante toda a noite um variado e escolhido repertório.

**No Porto.** — Foram elegantemente concorridos os «réveillons» que se realizaram na capital do norte, tanto o do «Club Portuense» como o do Grande Hotel, sendo o primeiro o mais concorrido, pois ali se reuniu tudo que de melhor conta a primeira sociedade portuense.

Foram duas festas que ficaram para sempre gravadas a letras de ouro nos anais mundanos da capital do norte.

**CASAMENTOS.** — Deve ter-se realizado ontem, na capela da residência da avó da noiva, a sr.<sup>a</sup> D. Edetrudes da Câmara Rodrigues, o casamento da sua gentil neta, a sr.<sup>a</sup> D. Rachel



Um aspecto do elegante Réveillon do Grande Hotel de Itália do Monte Estoril na noite do fim do ano

Rodrigues, filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria de Carvalho Rodrigues e do sr. Comendador Alexandre Rodrigues, com o sr. Conde de Pombeiro, filho do sr. Marquês de Belas, cuja notícia mais desenvolvida daremos no nosso próximo número.

— Pelo sr. José do Rêgo Marçal Júnior foi pedida em casamento, para seu irmão sr. Joaquim do Rêgo Marçal, filho da sr.<sup>a</sup> D. Rosa Miranda Balseira Marçal e do sr. José do Rêgo Marçal, a sr.<sup>a</sup> D. Amélia Rosa da Silva Santos, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Rosa da Silva Santos e do sr. João Silva Santos.

A cerimónia realizar-se-há por todo o corrente ano.

— No Porto, foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Laurentina Augusta Pereira Dias Figueiredo, esposa do sr. Manuel Parente da Rocha Figueiredo, para o nosso colega do «Comércio do Porto», sr. José Rodrigues Barreto Júnior, filho da sr.<sup>a</sup> D. Elvira Rosa Augusta da Silva Pimenta Barreto e do sr. José Rodrigues Barreto, a sr.<sup>a</sup> D. Judit Soares da Rocha Beleza da Silva, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Carolina da Rocha Beleza da Silva e do sr. Manuel Soares da Silva.

O acto deverá realizar-se por todo o corrente ano.

— Acaba de se ajustar oficialmente o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Madalena Robert Barreira, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Laura Robert Barreira e do sr. Alexandre da Silva Barreira, com o sr. dr. Estevão Amaral Fortes, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Amélia Amaral Fortes e do sr. dr. Júlio Proença Fortes.

A cerimónia realizar-se-há por todo o corrente ano.

**EM ALEMQUER.** — Na capela da quinta do Brandão, em Alemquer, onde residem a sr.<sup>a</sup> D. Maria de La Grandiere de Noronha e o sr. D. António Maria de Noronha (Arcos), resaram-se as tradicionais missas do galo, sendo celebrante Sua Ex.<sup>a</sup> Reverendíssima Senhor D. Henrique, Bispo de Trajanópolis, tendo por essa ocasião feito a primeira comunhão o menino D. Manuel Maria, gentil filho dos ilustres donos da casa, a qual lhe foi dada pelo referido prelado.

Depois da comovente festividade religiosa foi servida no salão de mesa uma finíssima ceia, a qual decorren sempre no meio da maior animação e alegria.

**NASCIMENTOS.** — No Porto teve o seu bom sucesso a sr.<sup>a</sup> D. Maria Antónia Correia de Barros Cardoso de Menezes, esposa do distinto tenente de cavalaria sr. José Cardoso de Menezes (Margaride). Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— Por notícias recebidas da Beira, África Oriental, somos informados ter tido, nessa cidade, o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Luísa Nunes da Silva Moreira de Almeida, esposa do nosso antigo colega na imprensa e brilhante advogado sr. dr. João Moreira de Almeida.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— A sr.<sup>a</sup> D. Maria Amélia Caldeira e Silva, esposa do sr. António Emílio da Silva, teve o seu bom sucesso.

Mãe e filhos estão de perfeita saúde.

**FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO.** — Na noite de 31 de Dezembro último realizou-se, em uma das dependências das Livrarias Aillaud & Bertrand, ao Conde Barão, uma récita, seguida de ceia e baile, organizada pelos empregados das referidas livrarias, decorrendo sempre no meio da maior animação e alegria, sendo abrilhantada por um magnífico «jazz-band».



Um aspecto do elegante Réveillon do Grande Hotel de Itália do Monte Estoril na noite do fim do ano

Eram dez horas da noite quando se deu começo ao espectáculo, em um palco improvisado, representando-se por um brilhante grupo de amadores, formado pelos empregados, as peças



Festa de confraternização dos empregados das Livrarias Aillaud & Bertrand, realizada em uma das dependências das mesmas livrarias, ao Conde Barão, na noite de 31 de Dezembro

em um acto «Os crianças», comédia em que tomaram parte a sr.<sup>a</sup> D. Irene Finza Antunes e os srs. Raul Santos e Vicente Elentério, e «Pouca vergonha», farça em um acto, em que tomaram parte os mesmos amadores da primeira e mais os seguintes srs. Filipe Fonseca, Alfredo Vaz, Henrique Pinto e Mário Elentério, e um acto de variedades, em que figuraram vários números pelos mesmos amadores, terminando pela apresentação do «Orfeon Feminino» das empregadas das referidas livrarias.

O programa da récita deixou uma optima impressão no auditório, composto das famílias dos empregados, sobretudo o último número do programa, o «Orfeon Feminino», pela maneira afinadíssima como se apresentou e interpretou os vários números.

Terminado o espectáculo deu-se começo à ceia, durante a qual foram trocados afectuosos brindes, que foram calorosamente aplaudidos, sobretudo o levantado à firma Aillaud Limitada.

Finda a ceia seguiu-se o baile, que terminou perto das oito horas da manhã.

O ilustre gerente sr. João da Cunha Eça, a quem se deve a cedência da sala, assistiu a parte do espectáculo.

**RÉCITA DE CARIDADE.** — Na noite de 13 do corrente realiza-se no teatro Sá da Bandeira, da capital do norte, uma interessante récita de caridade, organizada por uma comissão composta das sr.<sup>as</sup> D. Fernanda de Magalhães Van-Zeller e D. Henriqueta de Lencastre e Castro, com a lindíssima peça em 3 actos «É preciso viver...», em que tomam parte as sr.<sup>as</sup> D. Maria José de Lourdes Martins de Menezes Pinto Machado, D. Carolina Castro Monteiro de Carvalho, D. Maria Eugénia Pinto Machado, D. Maria Cirne de Lencastre, e os srs. Diogo San-Romão, José de Carvalho Rebelo de Menezes, Luís Rebelo Valente, António Pinto Machado, Nuno de Brito e Cunha e dr. José Nosolini Pinto Leão.

Os ensaios são dirigidos pela ilustre artista sr.<sup>a</sup> D. Amélia Rey Colaço Robles Monteiro.

## EM VOGA

AUZENDA DE OLIVEIRA

Pois que teus olhos são os mais bonitos e na Voga venceram a contenda, permite-me que te abrace, linda Ausenda, e contemple esses olhos infinitos.

Olhos de sedução! quantos conflitos de amor, ciúme, de paixão tremenda! Quem há que ao contemplar-te, não se renda à luz desses teus olhos exqu岸itos?!

Mas não só o olhar nos incendeia! E o encanto da voz, que nos afaga?! E a graça de dizer, que nos enleia?!

Receios do teatro? julga-os findos: quando um dia o cinema não der vaga, tens tu a voga dos teus olhos lindos!

JOÃO TRISTE.

## INGENUIDADE INFANTIL

UMA senhora, bastante nova e bonita, percorria, todos os sabados, um bairro pobre, a fim de socorrer as crianças que nêla habitavam. Ao fim dum ano faltou no dia habitual, com grande espanto e alguma pena daquêles a quem prodigalisava a sua bondade.

Mas, na segunda-feira seguinte, aparecer, vendo-se logo rodeada por um bando de petizes que a fitavam muito admirados, por ela ter um olho muito enegrecido e inchado, devido a ter chocado, por distração, com a porta dum armario.

Um dêles, mais atrevido é mais palrador, ousou formular esta observação:

— Já sei que a senhora casou no sabado passado. E, perante a estranheza lógica da bemfeitora, acrescentou:

— Porque tem um olho deitado abaixo...



## PARIS-BERLIM-PARIS

**M**ADEMOISELLE Dorange, realizou uma interessante façanha hípica: a viagem Paris-Berlim-Paris.

Com uma grande sinceridade confessou não saber explicar a razão determinante do seu audaz empreendimento. «Vão lá — acrescenta ela, à guisa de comentário — perguntar a uma mulher o motivo dos seus caprichos!...»

É uma semana depois de ter concebido a ideia do *raid*, partiu do Bois, às 8 da manhã, no seu cavalo «Le Huppé», um anglo-arabe, de quinze anos. Levava uma pequena mala contendo alguns pares de meias de seda, alguns vestidos, umas pantufas vermelhas, uns sapatos de baile, uma caixa de pó de arroz, um *baton* de rouge — e um revólver.

A viagem ia-se malogrando, ainda em Paris, porque o cavalo de Mademoiselle Dorange alarmou-se com o Napoleão da coluna Vendôme.

OS CAPRICHOS DA MODA — OS CHAPEUS DE PALHA E DE FELTRO ::

**A** elegante e maravilhosa cidade de Paris, que decreta, como ditadora, a moda, e cria os modelos, quis este inverno pôr de parte o hábito tão antigo já e tão coerente de fazermos os chapéus de veludo e de feltro no inverno e os de seda ou palha no verão.

É uma novidade estranha mas que marca bem a inquietude de espírito dos célebres costureiros parisienses, que os leva exóticamente a lançarem a seda e a palha como «dernier cri» nos chapéus para a presente estação.

Todos os modelos que a *Voga* publica são fornecidos por várias casas, das primeiras fornecedoras de todo o mundo. Pois todas elas nos enviam insistentemente, este inverno, modelos de seda e palha. As elegantes parisienses, em íntimo contacto com a neve, fazendo mesmo dela um dos seus «sports» predilectos, a patina-

bertas e maravilhadadas com o espírito de invenção continua que Paris encerra. Renovar-se ou morrer, disse d'Annunzio. Assim, Paris, não morrerá.

A mala de mão que a nossa gravura mostra é um guedelhudo cãozinho, com uns olhos enormes e um focinho severo.

Este modelo, sumamente fantasista, força-nos a esboçar um sorriso perante o engraçadíssimo cão, que, tão felpudo e espantado, parece guardar a sua jovem ama. É, assim, um guarda fiel das jóias e dinheiro, do *bâton* e do *rouge* de sua senhora.

Tratemos do modelo *Voga*.

Vestir bem as crianças, com simplicidade e bom gosto, é o prazer de todas as mães. Principalmente para as meninas, os seus vestidos, exigem uma escolha com bom gosto e critério.

Os vestidos são preferíveis largos, caíndo a

UM ORIGINAL E MODELO DE MALAS DE MÃO — OS NOSSOS MODELOS ::

## A MODA MASCULINA

**O** sr. André de Fouquières, incontestado chefe do protocolo mundano, e incontestado Petrólio das elegâncias parisienses, mostra-se desolado com a ausência de cuidado e com a falta de apuro que os homens revelam, modernamente, na sua indumentária.

Porque não se consagra à moda masculina, as mesmas desveladas atenções que à moda feminina? — interroga, com visível amargura, este Brummel gaulês do século XX.

Estes queixumes só tiveram acolhimento num jornal de modas feminino, o que prova que o sr. de Fouquières, a pesar de seu renome e mau grado o seu prestígio, se arrisca muito a clamar no deserto, imenso e árido.

Contudo, não ousa a menor inovação, limitando-se a combater o uso imoderado dos trajes de «sport» e de praia, reveladores, para ele,



Foi este o incidente mais desagradável do *raid*, realizado em condições de rara felicidade.

Dos incidentes pitorescos que lhe aconteceram, Mademoiselle Dorange conta este que muito a fez rir: jantar na sala dum hotel regular, em vestido de baile e de pantufas vermelhas.

Aqui teem as leitoras, alguém do seu sexo, que podem opôr, sem desdouro, e com orgulho, ao luso José Tanguinho. Podem até acrescentar como *blague* patriótica, que Mademoiselle Dorange é José Tanguinho traduzido para francês e encarnado no *charme* duma rapariga muito moderna, muito bonita e muito parisiense.

## A PRINCIPAL VÍTIMA

**D**ISCUTE-SE — mais pela humana necessidade, ou melhor pelo humano vício de discutir, e não com qualquer outro objectivo — se a caça é um nobre exercício, ou uma antipática revivência dos tempos bárbaros.

Em regra, os que lamentam a morte dos animais sacrificados na caça, esquecem-se de que aceitam, sem o menor protesto e sem a mais ligeira emoção, que eles sejam mortos em holocausto à sua gula.

São partidários da morte como aqueles que invectivam — e se os animais pudessem falar, certamente, diriam que, morrer por morrer, antes às mãos do caçador, porque morreriam lutando com a esperança de se salvar, do que às mãos do magarefe, impiedoso e brutal.

Por seu lado, os defensores da caça esquecem-se do melhor argumento que poderiam empregar contra os seus adversários. É de que a principal vítima da caça — é o próprio caçador. E, quantas vezes, a única vítima! Compreende-se, porém, o esquecimento: é que os defensores da caça são quasi sempre — caçadores!

## LIÇÕES DE CANTO

POR M.<sup>ME</sup> LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impostação da voz

Discípula em Mijão da celebre Galetti e do notável professor Cesare Rossi

Lições em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.º D.  
(Parque Eduardo VII)  
e na redacção da «VOGA»

gem, acabam por se habituar de tal forma, a ela, que nem sentem o seu glacial contacto. Além dos chapéus, há a notar que já se não usam senão vestidos em seda, ou tecidos muito leves, sob os ricos casacos de peles. Agora, com os chapéus, também tornados leves, é talvez um desafio aos dias opacos e tristes, por parte da viva e quente alegria feminina.

Em Paris, hoje, vêem-se alguns feltros, raros veludos e imensas sedas e palhas.

Paris, a cidade deslumbrante dos divertimentos e distrações, cidade da alegria e do dinheiro, brinca com o gelo: brinca-se com o inverno e também se brinca um pouco com as elegantes «rafines», sempre esperando ansiosamente a última palavra da moda.

Nas fantasias também a cidade da elegância prima em arranjar os mais extraordinários e incalculáveis modelos, deixando-nos boquia-

direito sem cintos que ajustem o vestido e dificultem os movimentos. Com as incrustações que tão em moda estão, é este corte de vestido, direito e largo, o que melhor conjunto faz.

O nosso modelo é um vestido muito gracioso. Executado então, em verde claro e as incrustações noutro tom de verde e azul, fica muito bonito e alegre.

O casaco é no mesmo género do vestido e o chapéu, em feltro, tem a enfeitá-lo o mesmo motivo decorativo do vestido e do casaco.

Fica, portanto, à escolha das nossas leitoras, gostando do desenho, aproveitá-lo para um vestido ou casaco, conforme lhes seja necessário. Em qualquer deles fica lindo, num conjunto cheio de harmonia e bom gosto.

MADemoISELLE X.  
(Veja-se página 5)

**M A L A S E** Bastos Silva, Lt.<sup>a</sup> Rua S. Nicolau, 81  
**CARTEIRAS** Paris-Chiado Rua Garrett, 64  
ALTA NOVIDADE



de abomináveis e condenáveis hábitos de preguiça.

Lembra-se, talvez, do retumbante fiasco do cronista francês Maurice de Walleffe, que, pretendendo lançar a moda do calção e da meia de seda — esbarrou com uma indiferença só, excepcionalmente, entrecortada de sorrisos e de zombaria ligeira e fina.

Perspicazmente, lembrou-se de apelar para as senhoras, insinuando-lhes que a negligência de vestuário, por parte dos homens, comprometia, e de modo grave, a estética da *toilette* feminina. Por outras palavras: Fouquières apela para as senhoras, entendendo que só elas podem obrigar os homens a vestir melhor. E para atenuar, um pouco, a humilhação em que o seu pedido coloca o sexo a que pertence, insinua com galante subtilidade, que as maiores criações da moda feminina — se devem aos homens...

Conseguirá atingir o seu objectivo com esse apelo, feito com inegável habilidade e dissimulada malícia?

## DELICIOSO...

**O** jornalista norte-americano, Edward Weeks afirma que em cada família existe, pelo menos, um assassino, isto é uma pessoa que, pela maneira desastrosa como conduz um veículo, dá morte a um transeunte. E a reforçar a sua pessimista, a sua terrificante afirmação, cita estatísticas, na realidade, alarmantes.

Apesar da distância que nos separa da América do Norte, permitimo-nos observar que aquele jornalista mau grado os números em que se apoia, faz uma afirmação inexacta. Se, com ele e a estatística confirma, há em cada família um homem que provoca a morte dum semelhante, logicamente em cada família há de existir também um membro cuja vida se tenha, prematuramente, extinguido. Em muitas famílias haveria, portanto, dois seres a mais: o que morreu e o que assassinou.

Conclusão a tirar: a América está toda de luto e uma família de 4, 5, 6 ou mais pessoas, na realidade, não passa duma família de 2, 3 e 4 membros.

Deliciosa conclusão, delicioso jornalista e deliciosa estatística.



**JOALHARIA DO CARMO**

EXPOSIÇÃO das mais lindas joias, pratas e filigranas portuguesas.  
Rua do Carmo, 87-B — LISBOA  
Telefone: Norte 1360



# LOIRAS OU MORENAS?

UMA QUESTÃO INTERMINÁVEL CUJA SOLUÇÃO  
FICARÁ A CARGO... DOS NOIVOS E MARIDOS  
: : : : DAS NOSSAS LEITORAS! : : : :



Gila Adam, actriz mundialmente conhecida. Cabelo loiro cendrado, de profunda e formosa ondulação

Dois tipos de beleza antagônicos: o das loiras e o das morenas. Dois tipos de beleza que são assunto predilecto duma discussão sempre viva, sempre animada, sempre apaixonada e interminável.

As loiras têm a sua história, a sua legenda e a sua poesia — encantadoras e prestigiosas. Os poetas adornaram-nas com a mais bela sugestão dos mais célebres poemas; nimbaram-nas de pureza de sentimentalidade delicada; divinizarão-nas com os dotes superiores de espírito que as tornam muito distantes das realidades humanas, muito afastadas de tudo o que a vida tem de desoladora verdade e de dilacerante fealdade moral.

Dotaram-nas de asas, angelisaram-nas, levitaram-nas, fazendo-as existir entre as núvens de todos os céus, o misticismo de todas as religiões e a bruma de todos os sonhos. Seu envólucro material chegou a perder todo o esplendor da forma, toda a graça perturbante das linhas harmoniosas do corpo humano; espiritualisando-se, indefinindo-se, tornou-se visão e símbolo dos ideais mais castos.

Este vulto em vez de elevá-las, prejudicou-as. Os homens de ardente imaginação e de impetuoso temperamento, habituaram-se a considerá-las símbolos de beleza fria, inanimada, susceptíveis de merecerem a admiração dum Praxiteles-escultor, mas incapazes de concitar o amor, de provocar a paixão dum Praxiteles-homem. Criações do espírito, efêmeras para a

vida, eternas para a alma, brilham como estrelas, frias como elas e como elas inacessíveis.

E sobre tanta grandeza, sobre tão exagerada concepção de beleza, uma acusação pesou, violenta e feroz, desdenhosa e prosaica: as loiras são insípidas. E da sua pretendida insipidez se construiu um dogma com a brutal inflexibilidade dos dogmas — partilhado, com convicção,

mariam que talvez matasse o filho, vencendo à força de sugestões imperiosas duma ciência tão germanizada como falsa, a ternura maternal, instintiva em todas as morenas, esposas adoráveis e mães amantíssimas.

E as morenas? Mais arredadas dos deuses, mais raras como imagens de sonho, os homens, — os homens adversários das loiras, — insuflaram-



Gipsy Rhomaye, bailarina eximia e linda mulher. Cabelos loiros, de larga ondulação, moderadamente cortados



As actrizes Marion Mill e Hela Steels. Penteados à Joãozinho... Divergência na cor do cabelo e perfeita concordância na maneira de o inutilizar...

Loiras ou morenas? — interrogamos todos nós, com dúvida quasi angustiosa, procurando a verdade entre opiniões tão contraditórias e tão apaixonadas. Busca inteiramente ingrata, trabalho, deploravelmente, inútil...

Mal com as morenas por causa das loiras e de mal com as loiras por causa das morenas? Não. A beleza não é loira, nem morena! É simplesmente — a beleza. A poesia não tem o dogma da cor: se os olhos azues reflectem o céu, os olhos negros recordam-no, como se o reflectissem; se os cabelos negros são dum encanto misterioso e profundo, os loiros são suaves como uma carícia, adoráveis como a mais bela idealização do espírito.

Loiras e morenas têm um trono por igual resplandecente e perdurável; são objecto dum culto que não se extingue com os velhos cultos.

CRISTIANO LIMA.



Maria Szönyi, uma estrela húngara do cinema. Adorável morena de opulentos cabelos negros até agora respeitados pela impiedosa tesoura da moda...



A actriz alemã Friedl Hearlin. Manifesta tendência para poupar a sua formosíssima cabeleira loira...

com fervor, mesmo com fanatismo, por uma multidão innumerável de homens — igualmente, loiros como elas!

Ibsen, o Shakespeare do século XIX, criou a Solveyg, símbolo da resignação e do amor feito dedicação e esperança, aguardando, vestida de branco, com a flor de laranjeira, até aos oitenta anos, o regresso do inquietante e vagabundo Peer Gynt. E os detractores das loiras volverão que Solveyg esperou até aos oitenta anos porque era loira, e só mereceria noivo mais ansioso, se fosse morena.

E, perante a Eva loira e revoltada de Ibsen, replicariam que a Nora, da Casa da Boneca, se limitou a ser filósofa quando devia ser mãe; e quanto à madame Alving dos Espectros, afir-

lhes a lava da voluptuosidade, o fogo eterno da paixão. Em seus olhos negros reflectem-se toda a alegria e toda a dor humanas; vive, nelas, grande e bela e nua, toda a comédia e toda a tragédia da vida. Terríveis apaixonadas — sua beleza, terrena e eloquente, magestosa e fatal, fulmina como o raio — surgiram em todos os grandes acontecimentos da história, iluminando-os com o seu heroísmo e o seu sacrifício. Como Cleópatra, tiveram suspensas do seu destino os destinos do mundo; como Leonor da Fonseca Pimentel, a musa da efêmera república napolitana, subiram corajosamente ao patíbulo e tiveram o último estremecimento da sua vida no contacto horripilante e aviltante do carrasco.

## ECOS E COMENTÁRIOS

### LORD GRAY E OS TRÊS COCHEIROS

LORD Gray, já idoso, residia em Northumberland, perto dos Montes Cheviots, numa pequena cidade, e tinha o hábito invariável de, todas as manhãs, depois do banho, meter-se na sua confortável carruagem puxada por dois vigorosos corseis, e ir a uma propriedade rural que possuía, algumas léguas distante. A estrada era ótima, como todas as estradas inglesas; mas, em certo ponto, margina um perigoso desfiladeiro. O lord depositava plena confiança na perícia do seu cocheiro, que desde há longos anos a contento o servia.

Sucedeu-lhe, porém, que este morreu, e lord Gray, pouco disposto a alterar os seus hábitos, apressou-se a anunciar publicamente que precisava dum novo cocheiro. Acorreram à chamada três, os quais, à hora aprazada, foram levados juntos, à presença do lord, no seu escritório. Lord Gray dirigiu-se ao primeiro pretendente e perguntou-lhe como se haveria, guiando o carro, na passagem do conhecido desfiladeiro por onde passava a estrada. O cocheiro, muito cheio de si, respondeu-lhe:

— Milord, eu sou capaz de o levar, sem perigo, a um palmo do abismo.

— E tu? — indagou o lord do segundo pretendente.

— Eu — retorquiu este — não tenho dúvida em guiar os cavalos a uma polegada da borda do desfiladeiro.

— Ouçamos o terceiro — disse o lord.

— Pois eu, Milord — disse o último interrogado — se tiver a boa sorte de ser seu cocheiro,

terei sempre o cuidado de levar a carruagem o mais longe possível de qualquer passagem perigosa.

— Ficas tu ao meu serviço — decidiu o lord — porque nunca gostei de fanfarrões.

### A MARQUEZA DU DEFFAND E VOLTAIRE

O século XVIII foi notável pelo número de mulheres espirituosas que produziu, principalmente em França, que então, como ainda hoje, era o foco da civilização latina. Uma dessas senhoras foi a célebre marquesa du Deffand, que soube manter uma activa e interessante correspondência com os espirituais mais notáveis do seu tempo, um dos quais era Voltaire.

Por circunstâncias que longo seria enumerar agora aqui, a marquesa e Voltaire interromperam essa correspondência e ficaram amuados.

Por esse tempo tinha-se já Voltaire notabilizado, fora do teatro, da poesia e do romance, pelos seus brilhantes estudos históricos, nos quais introduziu um método inteiramente novo, como se vê das duas obras que produziu sobre Carlos XII da Suécia e Luís XIV de França.

Mais tarde, numa reunião em que era presente a marquesa, alguém que procurava ser-lhe agradável disse que Voltaire pouco ou nada tinha inventado nas letras. A marquesa, apesar de justamente despeitada contra Voltaire, não pôde conter-se que não retorquisse num ímpeto de sinceridade: «Sim, na verdade Voltaire só inventou a arte de escrever a história!»

## AS MULHERES E A AVIAÇÃO



Madame Lilly Dillery, a arrojada aviadora húngara que no Junkers 1.230 vai fazer a travessia do Atlântico



# ALMA DE ARTISTA

A CABO de ouvir no «Grand Palais» a «Dance of the tumblers» de Korsakow.

Essa música estranha, esse bailado diante do túmulo, evoca novamente em mim, fantásticamente, a sonâmbula ronda do meu infortúnio de amor, e eu si, verdadeiramente vi, ante os meus olhos deslumbrados, nimbada de crescente luminosidade, o fantasma querido e distante de Nadia, a minha doce e sentimental Nadia que eu nunca mais vi, nem já mais tornarei a ver.

Nem um momento aqui em Paris a esqueci, nem nos «dancings» onde a sua cabeleira loira se enovelava ante as minhas pupilas alucinadas na espuma crepitante do «champagne», nem nos altares, pois uma vez que entrei em Notre Dame fui revivê-la mais ainda no olhar infinitamente imaculado da Santíssima Virgem.

Reviver é sofrer. Mas eu sinto neste momento uma íntima e profunda alegria em sofrer, revivendo os divinos instantes em que me perdi por ela — um enamorado tem destas pieguices românticas.

Eu desconhecia que o refugiado Ivan, esse estranho russo artista, misteriosamente arrempado para Portugal, tinha uma irmã.

Nunca m'a tinha apresentado, escondia-a de todos. Ele era um desequilibrado, com uma subtil personalidade e a sensibilidade dum violinista extraordinário.

O seu caracter era tão altamente exótico, que não gostava de executar para o auditório. Gostava de tocar só para alguém — para ter o egoísmo desse alguém se dedicar só a ele, de o escutar plenamente.

Quando nos conhecemos, num concerto íntimo entre rapazes artistas, e vi que eu tocava piano, convidou-me para ir a sua casa e ambos, para nós mesmos, num narcisismo de estetas, executávamos embevecidamente o nosso Tchaikowsky e o nosso Beethoven.

Sinceramente executada a música desdobrava o veludo roçagante do seu adormecido encanto — e as horas corriam num nirvana.

Várias vezes reparei que o reposteiro carmesim, que tombava em préguas largas na porta ao fundo, se movia levemente enquanto nós tocávamos, como se mão misteriosa lhe mexesse.

Como sou um imaginativo sorri à idéia pretençiosa de que a alma do músico executado acordava para nos escutar.

Um dia Ivan, visivelmente nervoso procurou-me para tocar.

— Estou inquieto, disse, tenho minha irmã doente e preciso emocionar-me para serenar.

Irmã! Nunca seus lábios tinham pronunciado ante mim aquela palavra.

— É doença de gravidade? perguntei naturalmente.

— Não, mas ela quando está assim gosta imenso de ouvir música. Vamos.

Tocámos vários trechos ao acaso, sem nenhum critério de selecção. Notei por várias vezes que o reposteiro se movia.

Ivan mudava de música constantemente, tocando de cor como para aturdir-se e eu passava tormentos para conseguir acompanhá-lo.

De repente parou. Passou pela frente a mão ossuda e murmurou:

— A dor mitiga-se como a dor. Toquemos qualquer música dolorosa.

E na ponta dos dedos afilados estendeu-me a partitura da «Dance of the tumblers».

Começou a tocar com nervosismo e segurança. Emocionou-se depois e o profundo e brutal sofrimento da música de Korsakow levou-nos em rajada, e as nossas almas eram dois espectros enluarados dançando ante os túmulos.

Tive subtilmente a sensação que uma nova alma tinha entrado para aquela ronda da morte. Levanto os olhos e, recordando-se no

largo mostrando os ombros dolentes e lindos de Madona.

Os seus olhos violeta olhavam vagamente sem saber o que olhavam.

Ao senti-la Ivan parou bruscamente de tocar e fitou-a numa furiosa e muda censura. Eu parei também.

Ela pareceu acordar dum sonho. Passou as suas longas mãos lindas e finas pelas palpebras de anil, e disse:

— Perdão. Não os queria importunar. Quem



carmim do reposteiro, um vulto nervoso de mulher loira e pálida surgiu sonâmbulamente.

Era uma radiosa visão, infinitamente linda.

Dolorosa e triste avançou para nós. Era evidente que a música exercia nela a mágica sedução dos olhos verdes da serpente na ingenuidade gracil das avesinhas.

Senti que a amava, senti que era ela a mulher que eu desesperava de encontrar.

Vinha vestida de negro, com um decote

teve a culpa foi a música. Não posso ouvir tocar sem que me tome este alheamento.

E dirigindo-se a mim:

— O senhor foi, até hoje, o único artista que conseguiu igualar meu irmão; o senhor interpreta maravilhosamente.

Desde esse dia Nadia passou a ouvir os nossos concertos junto de nós e notei que os seus olhos enquanto eu tocava não se distraíam dos meus. Ela amava-me! As nossas almas com-

prendiam-se intimamente como a alma de dois noivos. Muitas vezes, durante a execução, levantava-se e vinha junto de mim para ver os meus olhos mais de perto.

Todas as vezes ela pedia que tocássemos a música de Korsakow com que eu a conhecera, como que, para rememorar esse instante feliz. Nadia restabeleceu-se rapidamente a sua doença não passou duma excitação habitual que Ivan ternamente exagerara.

Ivan é que, dias depois, adoeceu tendo que guardar o leito por algum tempo.

Eu ia agora repetidas vezes a sua casa tocar para ele ouvir — agora que ele não podia executar.

Sempre que tocava sentia que Nadia me amava — a sua alma era inteiramente minha. Porém uma coisa me admirava: era a sua frieza, a sua quasi hostilidade, logo que eu deixava de tocar. Então nem uma só vez os seus olhos encontravam os meus — os seus olhos cuja luz era o meu deslumbramento.

Um dia, — aquele dia! — toquei novamente a «Dança dos Volatins» toquei-a com alma com volúpia com toda a emoção.

Logo que a vi junto do piano, bem presa da sedução da música, parei de repente e tomei-lhe as mãos delicadas.

— Nadia amo-a, quero que seja minha esposa!

Fugiu-me abruptamente com as mãos e dos seus olhos, divinamente rolaram lágrimas aos pares.

— Responda, Nadia. Sinto que me ama, é uma artista. Sinto que me compreende como eu a compreendo.

E então numa voz subtil e maguada murmurou:

— Não me compreende, não. Não é como homem que eu o amo, amo-o com artista. Porque não ficamos assim eternamente enamorados pela sensibilidade um do outro?

Verifiquei no meu espírito que ela dizia a verdade, que eu realmente não a tinha compreendido. Agora se explicavam as suas friezas e hostilidades de quando eu não tocava, e a sua ternura quando sob os meus dedos o piano soltava a embaladora melodia da música.

— Nadia! — exclamei tentando beijá-la na testa, enlouquecido de amor.

Repeliu-me duramente. No seu olhar quasi li ódio.

Então, paradoxalmente tive ciúmes, sim ciúmes de mim próprio. O homem teve ciúmes do artista. Aquela mulher só vivia para a música. Eu para ela não era mais que uma máquina que tocava bem.

Fugi, para nunca mais a ver, para nunca mais tocar.

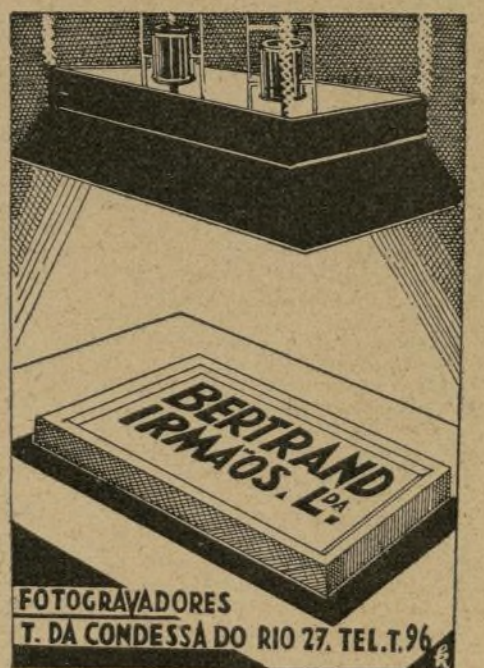
E aqui em Paris, na cidade deslumbrante, a estranha sensibilidade exótica de Nadia me toma ainda e sempre, e hoje no Grand Palais ao ouvir tocar de novo a «Dance of the tumblers» mais uma vez a senti junto de mim, essa alma indelutavelmente unida a mim pelo divino himeneu da música.

Peço sempre a todos que lhe digam que a esqueci, e que a mim, não me falem dela. Para que me não de fazer lembrar se a trago sempre no coração?

CORINA.

## AS MODAS EM "VOGA"

(Modelos, criação do nosso semanário, e a que nos referimos na página 3)



### "VOGA"

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados.....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	
Exemplares registados.....	45\$40	88\$80	
India, Macau e Timor.....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	46\$40	90\$80	
Brasil .....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	56\$80	111\$60	
Estrangeiro .....	40\$00	78\$00	
Exemplares registados.....	60\$80	119\$60	

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos ás Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.



ALUA: ONDE VAIS TU SATURNO?  
SATURNO: VOU EMDENHAR O MEU ANEL PARA COMPRAR O MAGAZINE BERTRAND

### AUTORES PORTUGUESES

TERRA MATER E PROSAS ESTRANHAS

HENRIQUE COSTA

N ESTES dois volumes, escritos numa prosa por vezes torturada, mas onde há, também, páginas vigorosas, cheias de emoção a que não faltam qualidades apreciáveis, revela o autor grande amor pela terra portuguesa e preferência por assuntos do passado, a que consegue imprimir certo relevo e bastante propriedade de linguagem.

Se continuar a escrever, libertando-se da preocupação de originalidade no estilo que agora se lhe nota e chega a tornar o pensamento confuso, Henrique Costa marcará, certamente, o seu lugar entre os prosadores portugueses.



**Capa em veludo "noisette" guarnecido de Raondin, de Philippe e Gaston (M. Muguet ex Dupla) Foto M. Tréres**

**Vestido em crepe Georgette branco bordado a "siras", cinto de "lame" double capa de hermine e raposa branca, forrada de veludo de seda verde água, de Cyber Foto M. Tréres**

**Tailleur em pano preto, colete em seda branca, de Lucien Lelong Foto Scaroni**

**Vestido de noite em Georgette "orchidee" e tule preto bordado a "siras", de Sebouvrier Foto H. Manuel**

**Vestido de tarde em musseline de seda e barras de veludo de seda preta, de Francis Foto H. Manuel**

**Vestido de noite em "lame" rosa e prateado e rendas prateadas, de Brichbe Foto M. Tréres**

**Vestido de sport de Bernard em "Kasha" cinzento e azul, vi. vo Foto M. Tréres**

**Cloche de peluche bege, fúria de selim mais clara, de Alice Foto H. Manuel**

**Chapéu em feltro e selim preto, de Cora Marson Foto M. Tréres**

**Vestido em crepe Georgette selmão com barras em "lame" prateado Foto M. Tréres**

**Saia em crepe da china azul e blouse em tecido angora cinzento claro enfeitado a crepe da china azul Foto M. Tréres**

**Chapéu em "laupé" zibelina de Lewis Foto M. Tréres**

**Conito em veludo preto enfeitado a raposa cinza, uma corrente dourada Foto H. Manuel**

**Vestido de posseio com estreitas fitas plissadas em três tons de azul, de Dupony Foto H. Manuel**

**Chapéu de L. Munier em feltro bege avermelhado Foto M. Tréres**

**Feltro bege aplicações em feltro recortado no mesmo tom, de M. Duverneuil Foto H. Manuel**



# RENDAS, BORDADOS E MALHAS



BLUSAS DE MALHA

O frio enregelá-nos, quebra-nos os movimentos. Em casa ou andamos cobertos com casacos com que não estamos à vontade para nos mexer ou trabalhar ou então tiritamos com frio.

As blusas de lã são uma solução, e uma solução magnífica e alegre. As blusas de lã preservam-nos do frio e, quando são executadas, ou numa só cor forte e linda ou em tonalidades escolhidas, num conjunto harmónico, são sempre úteis e agradáveis. Higienicamente, elas isolam-nos e corraçam-nos contra as correntes de ar, os resfriamentos rápidos.

Tratando de malhas alcançamos dois objectivos: embelezamos os leitores e cuidamos-lhes da saúde.

O nosso modelo de hoje é um elegante casaco feito sómente em dois tons. As barras de que se compõe este casaco são dum desenho cheio de harmonia e de elegância, que nos encanta e entusiasma, perdendo nós a maçada que nos poderá dar a sua execução, pela alegria e conforto que nos dará depois de feito.

A malha deste casaco, que é em *tricot*, é a mesma e a mudança de lã é feita da mesma maneira como os nossos modelos anteriores ensinam.

Este casaco, como todos os do género, é de forma simples, todo direito, com pequenas algibeiras e uma estreita banda contornando o casaco no decote e à frente e a parte de baixo da manga.

A barra que leva as algibeiras e que contorna o casaco e as mangas, é feita no mesmo tom dos desenhos. É este um dos mais lindos desenhos que se tem feito para malhas e, eston convencida, de que maior êxito há de ter entre as nossas gentis leitoras, ansiosas de beleza, de arte e de elegância.

Eis, pois, o que a nossa boa vontade em servir e embelezar as nossas leitoras, esta semana lhes apresenta, no interesse máximo e sincero de lhes agradar e de fazer da *Voga* uma amiga, uma conselheira que a todas guiará nas aspirações de beleza de vestuário e do lar e nos conselhos úteis que sempre publicamos em todos os nossos números.

Mãos à obra, leitoras, e conseguirão uma pequena maravilha na confecção deste elegante casaco.

LILIANA.

## BAINHAS ABERTAS

As bainhas abertas são um dos trabalhos femininos mais artísticos.

Todas as senhoras se entregam a confecção-lo com gosto e carinho, conseguindo verdadeiras obras de arte. Este trabalho deve ser feito em linho, ou em qualquer tecido, que tenha o fio grosso, tanto para haver mais facilidade em tirar e contar os fios, como para o resultado do trabalho ser muito mais interessante.

As amostras que publicamos são muito variadas, e escolhidas com o critério de servir, tanto as nossas leitoras práticas neste trabalho, como as menos experientes.

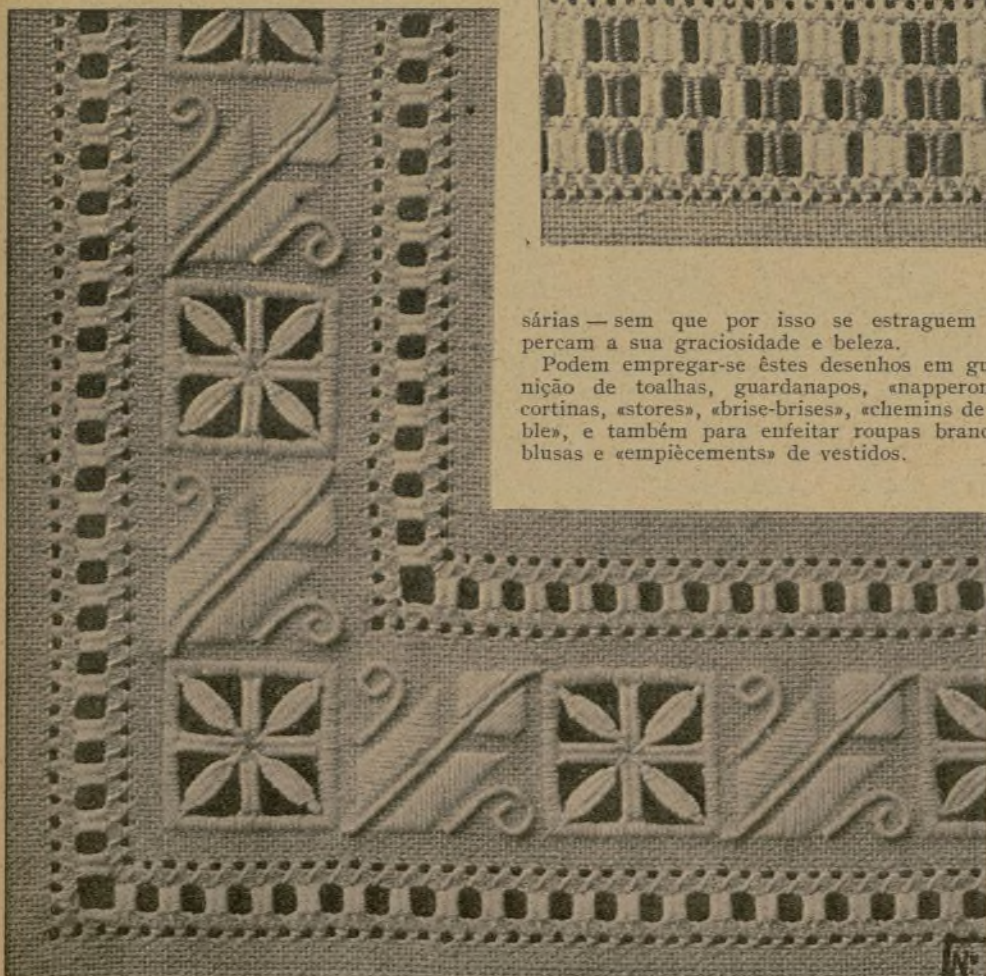
As bainhas tem uma aplicação variadíssima e útil.

Pela sua resistência, sendo feitas em branco, podem ser lavadas inúmeras vezes, — as neces-



sárias — sem que por isso se estraguem ou percam a sua graciosidade e beleza.

Podem empregar-se estes desenhos em guarda-chuvas, guardanapos, «napperons», cortinas, «stores», «brise-brises», «chemins de table», e também para enfeitar roupas brancas, blusas e «empiècements» de vestidos.



Para a execução da amostra n.º 1, começa-se por tirar apenas um fio para o estremo «à jour» que ladeia a bainha.



Como é feita por três barras intervaladas, tira-se para cada barra cinco fios e deixam-se três. Repete-se isto mais duas vezes e temos as

três barras que a gravura mostra. Depois da última tiragem de cinco fios, deixam-se ainda três, e tira-se um para o «à jour» do outro lado.

Depois dos fios todos traçados, faz-se o ponto que separa os fios em pequenos grupos. Conforme a grossura dos fios, assim a sua quantidade; sendo em linho, para este desenho, cada grupo deve ter sómente três fios. Em seguida começa-se a tecer, como a gravura mostra bem explicitamente.



A amostra n.º 2 é bastante original e dum efeito lindo.

Para a execução tiram-se quinze fios do comprimento que se deseje a bainha, e temos a al-

tura desta. Querendo pode ser feita mais larga do que a gravura apresenta.

Para os quadrados deixam-se ficar trinta fios, e cortam-se quinze, rente à orelha da bainha que depois é caseada, ou simplesmente feita a ponto cheio, ficando, assim, uns quadrados com fios, e rectângulos sem eles. Começa-se, depois, a tecer os quadrados com fios, deixando no meio uns pequeninos quadrados que dão ao desenho muita leveza e graça.

As pequeninas «barrettes» que enfeitam os rectângulos são todas feitas na linha com que se tece a bainha. Não se emprega na sua confecção nenhum dos fios do tecido.

O modelo n.º 3 é um interessante canto com abertos e bordados a cheio. O seu conjunto dispensa elogios, pois as leitoras verificarão a sua beleza e originalidade.

Ladeando o centro, que é feito com quadrados abertos e bordado cheio, há uma bainha muito estreita que se faz da seguinte maneira:

Tira-se um fio para o «à jour», deixam-se quatro, tiram-se outros quatro, deixam-se novamente quatro, e tira-se um para o outro «à jour». Depois do ponto costumado, tecem-se os fios, como a gravura mostra.

A parte central compreende quarenta e seis fios.

Os quadrados abertos tem de altura trinta fios.

No meio do quadrado deixam-se seis fios formando cruz, os quais são tecidos como toda a parte trabalhada da bainha.

As folhas oblíquas são feitas passando várias linhas dum para outro canto, cruzando-se, e depois são tecidas.

O quadrado é todo caseado em volta, depois do centro trabalhado.

O bordado que intervala os quadrados é feito a ponto cheio. Todos os fios devem ser contados, mesmo para se fazer estes bordados, ficando assim mais perfeito e todo certo.

Qualquer destes desenhos, segundo a sua aplicação, pode ser feito só a branco ou em dois tons.

A *Voga* apresenta hoje novos modelos de tra-

balhos femininos, que como todos os outros, grande êxito e entusiasmo levantarão entre as nossas gentis leitoras.

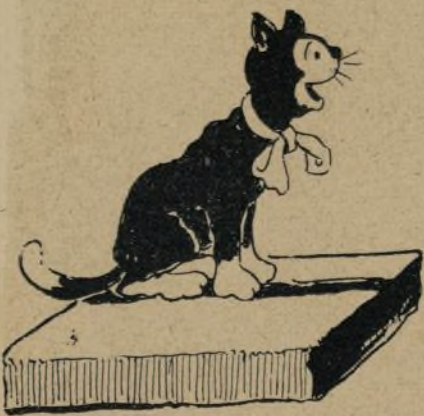
BERENICE.



## ENTRE VISINHOS

CONTO INFANTIL POR VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

ILUSTRAÇÕES DE VASCO LOPES DE MENDONÇA



fôro! Sou eu que os educo a eles» — retorquiu o Farrusco. «Se me tocam, mordo, arranho, esperneio, até que me largam.

— Tu és um lamecha sentimental — comentou o Mimoso. Sempre de lágrima ao canto do olho, apanhas e não reffilas! E que demónio fizeste tu para lhes desagradar? Ainda se tivessem o costume de afiar as unhas nos sofás como eu faço tantas vezes!»

— Não, não foi isso! O que me desgosta é não



ter percebido porque fui castigado! — lacrimejou choroso o Tinoca.

— Não admira que nada percebesse! Não és bicho de grande inteligência, antes pelo contrário — replicou desdenhoso o Farrusco, e o Mimoso tornou a repetir:

— Mas, afinal, o que fizeste tu? Conta lá!

— Vocês sabem que eu vou todos os dias à praça acompanhar a cosinheira.

— Até por sinal fazes um efeito detestável, — comentou o Farrusco. Sempre de rabo alçado aos pulinhos no meio da rua. Vê lá tu se o Mimoso e eu não estamos bem melhor, socegados, no bem estar da nossa casa.

— Cada qual tem os seus gostos. Mas calculem que a cosinheira, hoje, trazia dentro do cesto uns poucos daqueles bichos de penas de que tanto gostamos. Estes já vinham mortos, mas eram tão gordos e cheiravam tão bem!

Gosto mais de brincar com eles vivos, antes de os matar! — disse o Mimoso, olhando de soslaio para uma árvore onde saltitava a pardalada.

Pinoca ladrrou zangado:

— Vocês interrompem-me constantemente, assim não chego ao fim da minha história. A cosinheira estava muito entretida a mexer na mala, e vai eu levantar a tampa do cesto e zás! agarro num dos tais bichos de azas, e corro com ele na boca pela rua abaixo.

— Roubaste os teus donos, ora aí está! Julgavas talvez que o bicho de azas era para ti! És muito idiota! — disse o Farrusco espreguiçando-se desdenhosamente.

— Lá em casa costumam dizer que eu sou o cãozinho mais lindo, o melhor e o mais amado de todos, não era de mais que a cosinheira fôsse buscar para mim aquele petisco! Pois nem uma dentada lhe dei! Assim que me viram com ele na boca atiraram-me uma pedra com tanta força que tive de o largar ali mesmo na rua!

Farrusco miou escarninho:

— Linda figura fizeste, na verdade! E depois?

— Depois é que foram elas! — gemem Pinoca com os olhos esbugalhados. Entrei em casa com o rabo entre as pernas, e esgurei-me para baixo do sofá, na esperança que não



dessem por mim. Mas qual! Ai mesmo me foram buscar, e todos gritavam ao mesmo tempo muito zangados. A minha Dona mais nova, aquela loirinha, de quem eu gosto tanto, a que costuma dar-me muitos beijos, foi essa que me

tosou com as tais correias da educação: Ainda me arde o lombo, da bordoadá!

— E agora continua com a tua humildade a lambe-lhe a mão! resmungou o Farrusco.

— Que queres tu? Não tenho feitiço para rancores! Tive, mas foi muita pena de ter largado o bicho de pernas sem o ter provado!

O Mimoso — que tinha continuado pensativo a seguir o voo da passarada, retorquiu: «Aqui no jardim aparecem eles vivos a passear! Mas é tão difícil deitar-lhes a unha! Eu bem lhes salto, mas não os alcanço!»

Pinoca rosnou, rouquenho:

— Eu gostaria hoje de te visitar aí em baixo, quem sabe se terei mais jeito que tu, e se poderei apanhar um desses, que estão saltando de ramo em ramo, — e com o molhar guloso seguia os passaritos que, descuidados, esvoaçavam no jardim.

— Dás-me muito gosto com a tua visita, amigo Pinoca, — miou amável o Mimoso.

— Mas olha lá, não me venhas lambe com a tua língua tão áspera! Embirro com esse costume que tens! Os meus pêlos todos se encrespam só de te sentir!

— Naturalmente quere-te lavar o focinho! —



disse o Farrusco. Nós, os gatos, fazemos as nossas lavagens todos os dias, e andamos asseados sem precisar dos Donos para esse serviço.

— Deve ser cómodo, isso deve! porque um cão de luxo, como eu, passa um mau bocado à hora do banho. Besuntam-nos com uma coisa desagradável, que nos pica o nariz, e não nos tratam lá com muito mimo nessa ocasião, isso não! Enfim, na sociedade, todos os cães sofrem o mesmo, somos todos lavados desta maneira! e Tinoca deu um suspiro de resignação.

— O que eu admiro é a condescendência com



que aceitas essas imposições! — replicou o Farrusco.

— No teu caso, faria um tal barulho, meteria a unha e o dente até que me largassem!

— Já te disse que um cão de luxo tem de seguir estas tradições!

— Um toleirão é que tu és! Um cão de luxo! E o Mimoso, com o seu pêlo comprido de gato francês não é um gato de luxo? Olha lá, falemos noutro assunto: que pensas tu que te dão hoje para o almoço? Eu já estou com vontade à sopinha de carapaus, que deve estar à minha espera. Esta gente trata-me bem, e compreende que nem sempre nos apetece os restos que veem da mesa.

— Pois olha, eu hoje tremo de aparecer na cosinha, depois da sova que apanhei! Ainda não fiz as pazes com a cosinheira, e da outra vez, quando Ela se zangou por eu ter morto umas chávénas, foi difícil perdoar-me! Mas tive agora uma ideia! Aqui há dias enterrei aí no jardim, um belo osso. Terias tu dado com ele, Mimoso, e já o terias saboreado?

— Tu tens cada uma, Pinoca! — respondeu Mimoso todo ofendido.



— Então não sabes que nós, os gatos, só gostamos de ossos tenrinhos e não metemos dente com esses, duros como pedras, de que vocês gostam?

E o Farrusco resmungou:

— Se o jardineiro não o tiver atirado para o monturo, estás com sorte!

— Vamos a ver se consigo escapar sem nin-



guém me ver pela escada de serviço, e daí fugir para o jardim. Tenho a barriga a dar horas, e quando me lembro de que os meus Donos estão saboreando os tais bichos de penas e eu nem sequer lhes provo os ossinhos!

— Não fosses ladrão e mal educado! — tornou o Mimoso. Lembra-te sempre das correias quando te der a gana de meter o dente no que não é para ti!»

E o Farrusco muito sentencioso, disse:

— Eu, na minha qualidade de animal manhoso, quando roubo é com mais inteligência, não faço



alarde nem barulho, vou pé ante pé, e quando não está ninguém na cosinha, é que eu aproveito para surripiar algum carapau ou bocado de carne mais apetitoso. — Bem, deixa-me ir chegando às minhas sopinhas. Até amanhã Pinoca. Vai procurar o teu osso, ou caça algum bicho de asas na companhia do amigo Mimoso, talvez assim te esqueças do que tiveste na boca esta manhã! — rematou Farrusco, esgueirando-se para dentro de casa, enquanto Pinoca cabisbaixo, matutava na maneira de arranjar o seu almoço.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SALAO PARADIS CHAPEUS DE SENHORA

Direção técnica de  
MARIA AMELIA FERREIRA DA SILVA  
EX-PRÉMIERE DO MIMOSO

Criações próprias — Trabalho perfeito pelo sistema francês — Cópia de modelos parisienses em todos os estilos — Arte, Simplesse, Elegancia — ESPECIALIDADE: Chapéus de luto, soirée e scena

Rua da Gloria, 95, 2.º — LISBOA  
Telefone: Norte 5898

CABELEIREIRO DE SENHORAS

R. Garrett, 74, 2.º, Esq.

Telefone Central 299

TRABALHO GARANTIDO

Corte de cabelo ..... 3.500  
Lavagem de cabeça e secagem electrica ..... 3.500  
Ondulação ..... 6.500  
Manicure ..... 4.500

Tratamento e CURA dos CALOS  
pelos RAIOS VIOLETAS

das as grandes casas de costura, de chapéus, perfumes, de peles, de artigos chics de

HOTEL DE DELFT

PARIS,

abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos. E' no coração desse bairro da Europa que está um

30, Rue Montaigne

HOTEL PORTUGUÊS,

cujo conforto, honestidade, preços modicos o recomendam melhor que todo o réclame.

Hotel para famílias e senhoras que viajem sós. — Peçam prospectos.



# O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

**D**EPOIS, com entusiasmo: — Não é verdade que é bela, a minha grande aldeia? Há aqui ar, sol, silêncio, liberdade, por toda a parte: repare nas árvores, nas casas, nos muros: tudo se levanta como quer e onde quer. Não há frontispícios, nem alinhamentos, não há nada regular, nada que aborrega e cause *spleen*. Aqui tudo é livre.

Já não ri, e a habitual melancolia voltou a anuviá-lhe o semblante. Cala-se um minuto, enquanto se baixa para melhor acariciar o felino.

— E depois, na minha grande aldeia, há muito que ver... Venha!

Não, não se assemelha Stambul inteira àquela viela campestre. Já aqui varia; uma verdadeira rua, bordada de casas de ambos os lados. Não é de modo nenhum uma rua soberba: é muito estreita e traçada em sinusóide, de sorte que ali não sopra vento. As casas são de madeira, é claro, de velha madeira arroxada. E quando nós passamos, entreabre-se uma porta, que deixa sair uma mulher velada, e torna a fechar-se. A mulher atravessa, bate à porta, fronteira, e desliza para dentro; tudo isto sem mais ruído que o de um gato que caminha na

— Se eu fosse um guia razoável e com diploma, não o teria conduzido aqui. Ter-lhe-ia impingido o passeio clássico para estrangeiros: Santa Sofia, o Hipódromo, a Sublime Porta e o Bazar Grande. Veria muitas Inglesas de véu verde, muitos Alemães com a barba suja; teria comprado a sela autêntica do cavalo de Tamer-

não existe. Mais remotamente, sustentaram o templo de Diana, em Éfeso. Ainda mais remotamente, outro templo, não sei onde. Já conheceram quatro deuses. E quantos ainda conhecerão!

...Aqui e ali muçulmanos prostrados oram em silêncio. Duas rapariguinhas, livres e alegres, jogam à pancada por brincadeira e rolam-se pelos tapetes. Um imã de longas barbas observava-as, indulgente.

No meio do jardim quadrado, onde se amontoam os túmulos, lady Falkland solicita a minha admiração para um grande mausoléu, em forma de quiosque, circundado por uma galeria otogonal, de aspecto italiano. É o turbech de Solimão. Pode-se entrar. E eu penso que na Europa, que blasona de tolerante, o acesso aos mausoléus dos papas e imperadores não é permitido a toda a gente. Na sala redonda, com as paredes revestidas de faianças da Pérsia, três majestosos catafalcos, forrados de setins e brocados, se alinham, flanqueados por enormes círios de cera amarela e coroados de altos tur-

FOTOGRAFIA PORTUGALIA

A MAIS CHIC  
DO PAÍS

RETRATOS  
DE ARTE

105 R PASCOAL DE MELO, 109  
TELEFONE 2179-NORTE

sapatos. Não insisto, nem visito o túmulo de Roxelana.

Outra vez as ruasinhas turcas. Agora, já o aspecto não é de aldeia; é, antes, de uma velha cidadezinha monástica. Já vi, na Itália do Norte, estas lojas largas orladas de ervas, e estas paredes de pedras cinzentas, com janelas de varões de ferro, sem batentes nem vidraças.

## LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Bempostinha, 40, 1.º

ponta das patas. Voltamos à direita, voltamos à esquerda. Chegamos a uma pequena ogiva de velhas pedras cinzentas, onde está atravessada uma corrente que é preciso saltar: a extremidade da aldeia, evidentemente...

— Oh!... — julgo que gritei, assombrado.

E fico sob a ogiva, de boca aberta. Diante de mim estende-se uma praça quadrada, grande como uma planície; e ao centro da praça, uma montanha de mármore e pedra se levanta, esculpida, cinzelada como uma joia colossal. Paredes gigantes apoiam-se a contrafortes góticos, recortados, com bainha de renda. Galerias, claustros, colonatas, abóbadas, balaústres, escadas inumeráveis, se lhe encostam ou dependuram por todos os lados. Por cima, uma vertiginosa efervescência de zimbórios e de cúpulas se arremessa para o céu e o escala, semelhante àquelas dunas de areia, que o simum aglomera em cachos. E quatro minaretes, delgados e brancos como círios, brotam dos ângulos, e sobem, mais altos que tudo.

Lady Falkland, parada como eu, contempla como eu, muda, religiosa. Por fim, bruscamente, aperta-me o punho:

— Diga: não tem às vezes seus ares de capital, a minha Stambul? Mesmo ares de Mil e uma Noites?

Avançamos para a grande praça. Contornamos aquele imenso edifício. Ao pé dele, um jardim quadrado, fechado por um muro baixo com janelas, encerra milhares de túmulos turcos, simples e belos.



Outra razão porque o aparelho «LUX» tem tantas entusiastas entre as senhoras portuguesas:

A FACILIDADE DE MANEJO!

ELECTRO LUX, L.<sup>DA</sup>

Praça dos Restauradores, 72

Avenida dos Aliados, 54

Telefone: Norte 4157

Telefone 2032

LISBOA

PORTO



## ATENÇÃO

ESTÁ INICIADO o curso de Desenho por correspondência mas pôde ainda inscrever-se pois começará pelas primeiras noções.

CURSO DE  
DESENHO  
POR CORRESPONDÊNCIA

"AU PRINTEMPS"  
tem atelier para  
confeccionar e  
bordar cortina-  
dos em todos os es-  
tilos e dimensões.  
Rua Brintemps, 56 LISBOA

lão (fabricada o ano passado em Trebizonda), e havia de patinhar todo o dia nas ruas de tranvias, mais feias que Pêra. Mas eu, por mim, mostro-lhe isto: a Suleimanié Djami, a mesquita de Solimão o Magnífico; «a pérola e o diamante», dizem os Turcos...

Passamos uma porta pontiaguda, talhada em facetas, harmoniosa como um fragmento do Partenão. Dentro, surge-nos uma nave de catedral, a mais esplêndida que eu já mais vira. Pilares prodigiosos sustentam arcos de mármore preto e branco, que transpõem espaços de uma largura incrível. Vitrais cor de leite ou de algas com uma claridade solene. Nem capelas, nem nichos de santos, nem confessionários, nada que amesquinhue. O altar é um pórtico de mármore cinzento, murado, sobre cujo frontão está escrita, em letras de ouro, a palavra do Profeta. Há quatro colunas de granito enormes. Lady Falkland aponta-mas:

— Proveem duma igreja de Bizâncio, que já

bantes. Ali dorme Solimão, entre dois sultões de sua raça. A seus pés, muitas sultanas dormem também, sob iguais brocados e setins. Não há nada que faça tanta impressão como estes catafalcos turcos, que de certo modo tornam visível e tangível a presença da morte.

Uma curiosidade se apodera de mim:

— Roxelana, a famosa favorita, está neste mausoléu?

Lady Falkland hesita três segundos. Parece que lhe desagrada a minha pergunta. Entretanto, responde:

— Não. Venha.

Saímos. No jardim, ela estende o braço para um outro turbech próximo, semelhante, um pouco mais pequeno.

— Roxelana está ali.

— Visitamos?

— Se quiser. Mas o senhor só. Eu não entro.

— Ah!...

Ela cala-se, e fixa atentamente a ponta dos

Lá como aqui, o olhar mergulha em claustros nus ou em jardins incultos. Mas aqui os jardins são cemitérios, onde inumeráveis esteles se dispersam por entre as moitas e se escondem de baixo da hera, à sombra casada dos chorões e dos ciprestes.

— Gosta destas ruas?

— Muito mais do que eu poderia explicar... Onde vamos por aqui?

(Continua)



EXPERIMENTAR!

:: Mandando executar os vossos  
PATOS por medida ou adqui-  
rindo-os já feitos na :::::

CASA DAS TESOURAS

51, 51 A - Rua da Escola Politécnica, 53, 55

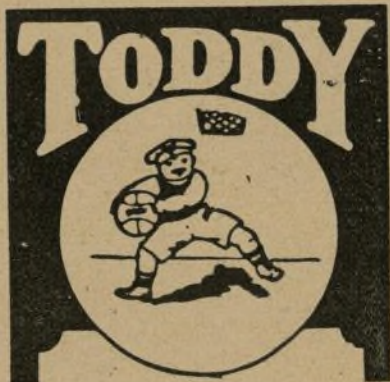


## Grafologia

N.º 262 — *Chico* — Actividade física e mental. Caracter decididamente afectivo procurando todavia guardar intacta a sua independência um pouco egoísta. Precipitação resultante da sua falta de método ocasional e também uma certa irritabilidade inexplicável consigo próprio e as pessoas que mais intimamente privam consigo.

N.º 263 — *Anatole* — Ah! isto é uma balela? Vejamos: Primeiramente devo declarar que considero-o um fraco, um demasiado bondoso, tentando dissimular a sua doçura com a máscara da violência quando afinal na maioria das vezes nem coragem tem para articular um não bem decisivo. Aprecia a franquesa e a simplicidade mas não prescinde nunca de uma certa «pose» ou pretensão muito sua. Cautela com esse seu espírito demasiado sincero e sem reserva alguma. É necessário aprender a calar tão facilmente como escreve. Relativamente ao seu futuro é melhor consultar... uma bruxa. Pergunte ao *Chico* (262) se ficou contente com o resultado da análise e escreva-me a dizer se a Grafologia sempre é uma balela.

N.º 264 — *Sempre Alegre* — Perdõe, mas a sua letra indica que o seu principal defeito é a dissimulação. Verifico, porém, que as suas características morais são optimas e o seu amor



Dá ás crianças uma saúde de ferro  
É o alimento energético por excelência para  
novos e velhos

A venda nas farmácias, drogarias, confeitarias,  
mercearias e leitarias

Representantes exclusivos:

MANTUA, L.<sup>DA</sup>

29, Calçada S. Francisco, 37 — LISBOA

pelo método e a harmonia geral reabilitam-na sempre. Em seguida, altivez, vontade, orgulho pessoal e discreção. Agradecimentos pelo excelente para os pobres.

N.º 265 — *Preta de S. Tomé* — Egoísmo, concepção pronta mas elevação moral subordinada às circunstâncias do momento. Irritabilidade contida por uma vontade forte e cautelosa. Para uma mais profunda análise, queira consultar-me no Magazine Bertrand.

N.º 266 — *Sempre Fixe* — J. B. — Bondade natural, espírito um pouco copista, sabendo impôr-se no momento oportuno e com decisão. Economia e... também um certo cuidado em nunca dar a saber os seus mais íntimos pensamentos

N.º 267 — *Tita* — G. G. — Rigidês de opiniões (aqui para nós, «teimosas»). Bondade, descreção, franqueza e verbosidade.

N.º 268 — *Esfinge do século XX* — Fidelidade nas suas decisões e princípios. Não dá já mais o seu braço a torcer, mas quando vê as suas conveniências em perigo, sabe resolver as questões conforme melhor lhe convém. Força física e moral, independência de carácter e rigidês de atitudes.

N.º 269 — *X. M.* — Espírito submetido a uma vontade estranha. Amor pelas artes, a harmonia das cores e das formas, sabendo sempre apresentar-se de maneira a valorizar-se, deixando a melhor das impressões. Bondade e diplomacia «social», quer dizer: *savoir vivre*.

N.º 270 — *Mito* — Nervosismo e dificuldade de submissão aos seus próprios pensamentos e resoluções. Variabilidade de tendências, obedecendo a um temperamento demasiado forte para os seus nervos e maneira de viver.

PREFERIR SEMPRE!!!

SOBRETUDOS DA MODA FATOS

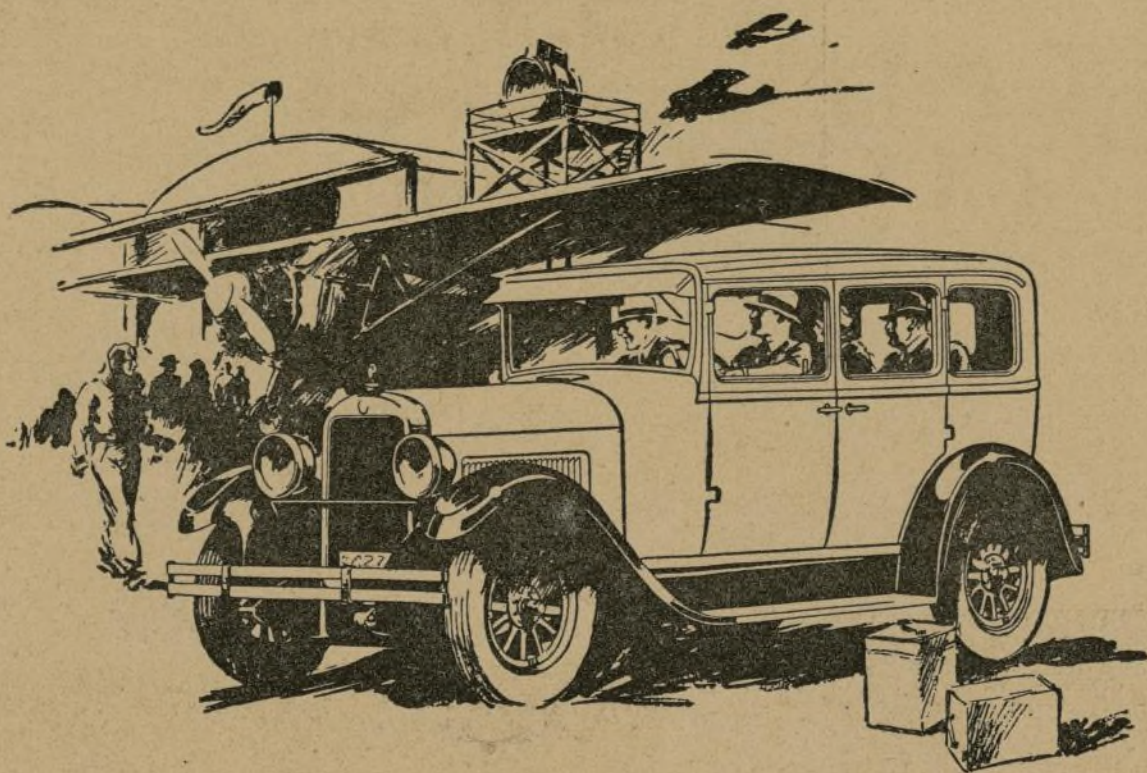
CAPAS à ALEMTEJANA

PARA HOMENS e RAPAZES

CASA DAS TESOURAS

51 51A R. da E. Politécnica, 53 55

PERES & ABRANTES Suc.



## QUALIDADE, VALOR, ESTILO

Nunca a Qualidade e Valôr de «Dodge Brothers» se evidenciaram tanto como no Novo modelo de «Quatro» cilindros.

A sua reconhecida resistência foi elevada a novos níveis; a sua afamada segurança é hoje mais patente que nunca.

Além disto, novo estilo, nova beleza, um surpreendente funcionamento que faz deste carro não só o melhor produto que «Dodge Brothers» tem apresentado como ainda a base do critério com que serão apreciados os carros de futuro de preços moderados.

BERNARDINO CORRÊA LTD.

SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS

LISBOA — PORTO — LOANDA

## AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

N.º 271 — *Espuma do mar* — Um temperamento de fogo dissimulado sob uma máscara de gelo. Simplicidade e energia de sentimentos e decisões. Independência de vontade atingindo a indiferença pelas opiniões do próximo, sem todavia pôr em perigo a sua reputação social.

N.º 272 — *Noiva dum aspirante de marinha* — Afectividade sincera e imaginação exaltada a que não é estranha uma certa indecisão de princípios. Infantibilidade de carácter, embora sabendo ordenar todos os seus pensamentos e resoluções sensatamente.

N.º 273 — *O tal aspirante de marinha* — Actividade, intelectualidade por vezes precipitada, vontade maleável, paixão e entusiasmo.

N.º 274 — *Uma flor* — Atitude ponderada e cautelosa. Economia natural e disciplina de pensamentos, procurando com calma o caminho do dever, na simplicidade da sua idade.

N.º 275 — *Uma amiga* — Nervosismo reprimido. Vontade e energia ponderada. Simplicidade e timidês. Sensibilidade e dificuldade de expressão.

N.º 276 — *Petiza* — Entusiasmo e exaltação indisciplinada. Temperamento caprichoso e de difícil submissão, procurando ser fiel às suas resoluções, ainda mesmo com prejuizo do seu extraordinário amor próprio e... também da sua vaidade.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.<sup>mas</sup> consulentes da Voga, reenderçarem estas mesmas consultas para o

Magazine Bertrand mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na Voga.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Tôdas as consultas dirigidas à Voga, deve-

rão ser acompanhadas da importância de um escudo e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao Magazine Bertrand nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista. MADAME DE MEMPHIS.

### PIANOS

### AUTOPIANOS

### ORGÃOS

### GRAMOFONES

### E DISCOS

As melhores marcas

Os melhores preços

SASSETTI & C.<sup>A</sup>

54, 58, Rua do Carmo

— LISBOA —





## O TEATRO EM CINEMA

**D**IZIA, não sei quem, creio que o infortunado Luís Delluc, o grande, o único grande tratadista do cinema europeu, que o cinema parece-se muito mais com uma oficina de pasteleiro ou com o ponto de renda de Bruges do que com o teatro e que, «caso contrário, não é cinema». Eis uma grande e profunda verdade que poucos sentem perfeitamente. O cinema não é, não pode ser, uma reprodução, em fotografia animada, do teatro. Se assim fôsse, o cinema, sem a palavra, teria sucumbido ante o teatro, que lhe levaria maiores vantagens, e o que a evidência nos ensina é que o teatro vai fa-



lindo ante a invasão avassaladora da imagem cinematográfica. Estabelecido pois, que o cinema não é uma derivativa menos brilhante do teatro, mas sim uma arte completamente independente da arte teatral, tendo apenas com esta o ponto de contacto de ser, como ela, uma arte que, na sua industrialização, serve para divertir o público. No demais, tudo diferente: mímica, decoração, composição do drama, realização plástica, etc., tudo diferente, profundamente diferente. E só por serem diferentes é que os dramaturgos teem incluído nas suas obras pedaços de cinegrafia como novidade e *truc*, e os cineastas buscam curiosas reproduções, as mais das vezes caricaturais, de representações scénicas, e focam até, muitas vezes, o meio teatral, fazendo decorrer em bastidores e plateias scenas, as mais curiosas, dos seus filmes, como se vê nas fotos que reproduzimos nesta página, em que se entrevem sa-

borosos detalhes dum camarim de «girls», duma representação estilizada da «Gueisha» e algumas esplendidas expressões de pacóvios assistindo a uma função teatral.

Teatro... cinema... cinema-teatro... teatro no cinema!... O que se poderia escrever sobre este assunto, ao parecer tão simples!... Como se poderia demonstrar a lógica tremenda do triunfo americano pela compreensão nitida que além-Atlântico teem das diferenças entre estas palavras que para o vulgo se assemelham tão profundamente!

O filme «Jogador de Xadrez», há pouco exibido em Lisboa, não corresponde ao romance do mesmo título que o «Magazine Bertrand» está publicando, visto ser um filme muito truncado. Assim, o seu começo corresponde à segunda parte do romance e o final difere profundamente do que Dupuy-Mazuel compôs.

